

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 500rs. por seis mezas para a corte, e 60000 rs. para fura, pagos adiantados. Ns. avulsos, 160 rs.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Terminando este mez a maior parte das assignaturas da *Marmota*, e querendo nós igualar o direito de todos os nossos dignos subscriptores, damos-lhes cautelas —*gratis*— com premios até 200⁰⁰ rs., sendo 150⁰⁰ rs. em dinheiro, e 50⁰⁰ rs. em obras impressas, como abaixo se vê.

Quem assignar a *Marmota*, ou reformar a assignatura, por 2 mezes, dará 2⁰⁰ réis, e receberá de premio—uma cautela de 10 numeros.

Havendo falta de dinheiro, entendemos que as reformas, ou novas assignaturas, sendo feitas de 2 em 2 mezes, ninguem terá grande difficuldade em dar 2⁰⁰ réis, ficando desde logo com direito a 200⁰⁰ rs., accrescendo a vantagem de ir fazendo reformas de 2 em 2 mezes, e de ir recebendo novas cautelas.

Em geral, toda e qualquer pessoa que assignar a *Marmota*, o *Arquivo Municipal* ou comprar livros na loja desta officina, receberá cautelas de premio *gratis*, sempre na seguinte proporção. Se dará, gastando,

De 2 ⁰⁰ a 3 ⁰⁰ rs.	1 cautela (10 numeros).
De 3 ⁰⁰ a 5 ⁰⁰ rs.	2 cautelas (20 numeros).
De 5 ⁰⁰ a 7 ⁰⁰ rs.	3 cautelas (30 numeros).
De 7 ⁰⁰ a 9 ⁰⁰ rs.	4 cautelas (40 numeros).
Gastando 10 ⁰⁰ rs.	5 cautelas (50 numeros).

64 — Praça da Constituição — 64

As cautelas terão effeito —*impretericelmente*— com a 2.^a loteria de Julho proximo, e serão dadas, *unicamente*, a quem vier ou mandar ao nosso escriptorio. As nossas cautelas são deste modo:



Com a 2.^a de Julho de 1859.

PARA TODOS OS ASSIGNANTES DA MARMOTA, DO ARCHIVO, E PARA O PUBLICO EM GERAL

DEZ PREMIOS —(200⁰⁰ rs.) EM DINHEIRO E EM OBRAS IMPRESSAS, ESTAMPADAS, ETC.

CAUTELA GRATIS. N. 1—A—10.

(Cada bilhete tem 10 numeros.)

Para a sorte de 20:000 ⁰⁰ —Em dinheiro.....	100 ⁰⁰ rs.
Para a " de 10:000 ⁰⁰ —Em dinheiro.....	50 ⁰⁰ rs.
Para a " de 4:000 ⁰⁰ —Seis grossos volumes da — Historia das Provincias do Rio da Prata (em hespanhol) por De Angelis.....	36 ⁰⁰ rs.
Para a sorte de 2:000 ⁰⁰ —Anuaes do Rio de Janeiro, por Balthazar da Silva Lisboa, 7 vols.....	10 ⁰⁰ rs.
Para as 6 sortes de 1:000 ⁰⁰ —Um jogo da Vicentina, romance, em 3 volumes, do Sr. Dr. Macedo, 3. ^a edição.	4 ⁰⁰ rs.
PRACA DA CONSTITUICAO N. 64.	Rs. 200 ⁰⁰⁰

O Filho do Pescador.

Todo o publico conhece, tão bem como nós, o—Filho do Pescador—um dos primeiros romances sahidos da fecunda imaginação do Sr. Teixeira e Sousa (hoje escriptorio do Juizo Commercial); romance tão procurado como desejado. Pois bem, o visão que existia entre nós, pela falta de exemplares d'essa engenhosa produção, nós vamos agora preencher, fazendo uma nova edição da

que foi impressa em 1843 na nossa typographia.

Começaremos, portanto, a dar aos assignantes da *Marmota*, no proximo numero, o mesmo folhetim que o periodico *Brasil* deu aos seus, em um dos mais bellos periodos de sua não curta existencia.

Correcto pela mesma penna que o escreveu, é de esperar que o—Filho do Pescador—seja tão feliz, em 1859, como o foi em 1843 e 1843.

BAGATELLA.

(Continuação do n. 1062.)

—Henrique! que hieis fazer?—exclamou Bagatella, precipitando-se ao mancebo e arrancando-lhe a pistola.

—Bem o vèdes!—respondeu elle com uma voz surda—ia morrer!

Morrer! tu, Henrique! oh! não! não deves morrer... eu t'o prohibo!...

Dous olhos e dons labios que dizem eloquentemente:—vivei! têm o direito de serem ouvidos. Henrique sentio desvanecerem-se as suas velleidades de suicidio... sobretudo quando Bagatella ajuntou:

—Ha muito tempo que eu adivinhei o teu amor—porque eu tambem te amava; soffrias, dizes tu? E eu? eu! acredito então que eu não houvesse mister de coragem, ou antes de crueldade, para deixar-te assim esperar-me, soffrer e chorar? Combatias contra o vão fantasma de um passado que lá vai... lutavas com um remorso que não deve, mais pesar em teu coração, agora que eu venho a ti, e te absolvo! Se é um crime esse nosso amor, meu doce amigo, tomo sobre mim a responsabilidade e a vergonha... Podemos ser felizes de hora avante, Henrique, pois que eu sou rica... um parente de minha mãe deixou-me uma herança... E' uma benção do céol não termos mais necessidade dos beneficios posthumos de Maximo.

Mr. Heine tem razão: «Todos sabem o que são cacetadas; mas o que é amor, todos ainda ignoram!»

—Gabriellal!—respondeu Henrique com um desespero misturado de tristeza.—Fugi, deixai-me só... Ha entre nós uma barreira que não podemos transpor... a lembrança de Maximo?

—Mas tu não me amas, Henrique?

—Não te amo! mas não é por ti que eu quero morrer? deixa-me... não quero ser perjuro... vai-te!

—Ficarei aqui!—disse Bagatella com uma voz resoluta.—Ha oito dias que te espero... oito seculos! pois que eu os contei... Tu não me procuraste... procurei-te eu... Venho dizer-te:—separados, eramos infelizes; reunidos...

—Oh! não acabes, Gabriella...

—Então morramos ambos... morramos...

—Ainda não, meus filhos—disse uma voz.

Bagatella e Henrique voltaram-se e viram, a primeira com medo, o segundo com espanto, approximar-se um velho, cujo casaco pardo e cabellos brancos tinham um ar respeitavel.

—O desconhecido!—murmurou a moça.

—Senhora, eu vos saúdo—disse o velho

com uma voz tremula e um pouco desfallecida.—Bom dia, Senhor! estão ambos espantados... que tinheis! queiréis morrer, meu jovem amigo? Ah! fora com isso! é bom para os maniacos, e vós tendes juizo.

—Ah! esta voz! esta voz!...—exclamaram Bagatella e Henrique.

—E' a de um homem que vos ama e quer a vossa felicidade, meus filhos!...—retrucou o velho;—eu soube apreciar-vos ambos, ha bastante tempo, posto que pouco me conheceis. Mr. Maximo, de quem fui amigo outr'ora, deixou-me o cuidado de velar sobre vós... Obedecei-lhe religiosamente... Vós que sois tão dignos um do outro,—(aqui a voz do velho fez-se um pouco ironica, o que não notaram os nossos amantes; tão occupados estavam em recordar-se onde tinham ouvido essa voz tão fresca e suave ainda, apesar de seu alhalo tremor de ancão!) Vós que sois tão dignos um do outro... ides tocar a meta da ventura! eis aqui o vosso dote... não é consideravel... porem Max ficará satisfeito—lá em cima, se o aceitardes... E' a ultima recordação que elle vos dá... Minha missão está terminada... O quo vos pesso ainda, em nome de Max, é de vos lembrardes algumas vezes, de vez em quando, quando não tiverdes outra coisa a fazer... nas vossas horas de tedio, ou de prazer, que um homem existio que vos amou, e levou consigo a consolação de ter ao menos as vossas saudades... é bem pouco uma recordação... e bem pouco uma lagrima... Fazei algumas vezes essa melancolica esmola dos vivos a um morto, que só tem aqui na terra uma preocupação;—a vossa ventura. Adeus, só me voreis ainda uma vez, no dia do vosso casamento; até mais ver, meus filhos e... até mais ver!..

(Continúa.)

Trad. de M. A.

Horas vagas.

I.

N'um canto retirado e solitario vivia, dei-

POLYESTER.

O PRESTIGIO DA LEI

DRAMA LYRICO EM 3 ACTOS

OFFERECIDO AO ILLM. SNR.

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

CAVALLEIRO DA ORDEN DE CRISTO, OFFICIAL DA I. ORDEN DA ROSA, MESTRE DA CAMARA E CAPELLA IMPERIAL, PRESIDENTE DO CONSERVATORIO DE MUSICA E UM DOS FUNDADORES DA SOCIEDADE DE BENEFICENCIA MUSICAL

POR

Manoel d'Araujo Porto-Alegre.

(Conclusão.)

SCENA VII.

OLYMPIA E RAPHAEL (agarrando-a).

OLYMPIA.

Monstro de horror, hypocrita, malvado.

HONORINO.

O quo fez-te esse homem, falla, Olympia?

RAPHAEL.

Um graccjo, um brinquedo...

xando bem longe espaço para minhas idéas que inconstantes visitavam um ou outro objecto sem em nenhum fazer moradia. Só desejado e brilhante futuro antolhava-me á vista, para onde de quando em quando lançava cobigosos votos. Uma melancolia natural, dessas que sente um joven na flor de sua idade, d'essas que sua origem vem d'alma, dessas que nos fazem conceber melodosios sentimentos, que erguem o nosso espirito sobre as cousas mais vulgares, dessas, enfim, que nos lançam na poesia, era a minha unica companheira em algumas horas. Como um passaro sem prole, deserto no espaço, não conhecido por todos, sem uma alma que o sentisse, que o consolasse nas suas tristezas, sem um coração amigo para desabafo de suas penas, sem um ramo d'arvore que outr'ora lhe pertencera, exiliado do seu seu ninho, lançado fóra sem piedade; assim vivia eu. No entanto que esse passaro podera existir sem pesados cuidados, assim vivendo ia tambem.

II.

Uma vez, o dia começou a despontar no horizonte, e a alva a lançar as suas brancas vestes tapizando assim o caminho por onde passar devia o risonho astro diurno tão bello e apparatuso, cuja aurora precedia-o alegre e prazenteira, sendo annunciada por um ventosinho molle, macio, que mais parecia ser na verdade fraca respiração da natureza brilhando, nas suas costumadas gallas dignas de verdadeiras extasis. O admiravel diaphano do firmamento conservava-se bellamente, sem nenhum estorvo que o tornasse carregado. No oriente enfim do sol começaram os raios a ferir, tingindo-o das mais sympaticas cores. Oh! quem não achar-se-ha levado em admiração contemplativa nessas horas em que Deos abre a nossos olhos o seu livro poetico, dando-nos a ler uma pagina das mais sublimes da sua grandiosa obra! Quem não sentirá n'alma uma animação divina, um puro sentimento, obrigando-o a ir pensar no autor de tão maravi-

OLYMPIA.

Um attentado.

HONORINO.

Raphael, Raphael, eu perdoci-te... Mas esta não perdão.

RAPHAEL (para os outros).

O povo aguarda inquieto o resultado, Já não quer esperar; se haveis pensado, Dai as ordens aqui. O' camaradas, Camaradas, entrái; tudo está feito, E se ainda não 'stái, nós o faremos: Esta gente nasceu para os conventos.

SCENA VIII.

ENTRA O POVO ARMADO EM TUMULTO.

CÔRO.

Foge o tempo, redobra o perigo, E aqui 'stamos sem terminos acção!

RAPHAEL.

Vós não tendes aqui um amigo, São traidores de lesa nação.

CÔRO.

Pereça o mlvado, O perfido, o vil Que ousar disfarçado Trahir o Brasil.

hosas cousas! Quem não sentir-se-ha cheiro d'uma verdadeira poesia, d'uma poesia tão pura que nos proprios irracioaes influe! Vede como cantam os passarinhos, como dobra o canario, como gorgeiam os outros em harmonia, como alegre e festivos aloram aquella hora! Ah! isso é bello de mais, eu quizera comprehender tudo, tudo gozar.

III.

O dia rompia e o risonho aspecto da natureza era encantador. No tope d'um cumulo sentado espectava extasiado essas variadas scenas, quando arrebatada foi a minha attenção para um objecto, uma figura, um ente que se apresentára á vista. Era n'um jardim, que á direita meus olhos viam, era entre flores de novo desabrochadas, que embalsamavam o ar com os seus varios perfumes, era n'um lugar que inspirava pura poesia, que vira essa creatura divina. Os seus longos e pretos cabellos, pelas costas cauiam-lhe negligentemente em duas tranças feitas, os seus olhares eram doces, e muitas vezes ternos se tornavam ao contemplar as gottas crystallinas do rocio que de tão transparentes pareciam conter em si duas ou mais lindas cores, como delicados aljofares pendentes das corolas petalas d'uma rosa. Umaz vezes avizinhandose a alguma roseira, que alivia offerecia-lhe a sua longa e espinhosa haste, limitada n'uma fresca flor, acariciava-lhe sorrindo-se e nesse sorrir de innocencia deixavam ver seus labios uns dentes claros e transparentes; outras vezes curvando-se sobre um jarro, onde havia um ou outro cravo, encostavam-lhe os seus pequenos labios de carmim, brindando-o com um macio beijo. Era uma joven, que como uma flor do seu jardim, começava a desabrochar. Uma ingenuidade assim, uma candidez tão pura inspirou-me tanto amor! Já ella desaparecera, e o sol começava a derreter o orvalho das flores; porem não abandonei o meu lugar, e julgava ainda

RAPHAEL.

Não são dignas da morte estas estatuas; Prendel-as é melhor, vestir-lhes saias, Já que homens não são...

HONORINO.

Mas têm espadas...

RAPHAEL.

Povo, ides perder o vosso amigo: A traição e calunnia se preparam Para a vida arrancar-me...

JERONYMO.

Mentes, mentes.

AGOSTINHO.

Prendei esse malvado.

(O povo fluctua e ni nguem ouza total o.)

RAPHAEL.

Onde o misero está, que tal intende? Tornei-me inviolavel, sou do povo.

HONORINO.

As tuas armas, Raphael... entrega-to.

RAPHAEL.

Vai fiar n'uma roca, meninoote...

ver aquella apparição. Já o meu coração em si encerrava um novo sentimento.

IV.

Já no ocaso cahira emfim o sol, deixando no horizonte as mais lindas cores purpúreas, e quando as trevas começavam a lutar com a já fraca luz do dia, quando chegava essa hora a que chamam do crepusculo, vi-a. Um roupão côr do firmamento, era o seu traje; suas tranças cahidas, seus olhos ternos e melancolicos, suas faces côr da rosa. D'uma vez feriram-me os seus olhares, e li nos seus olhos uma doce melancolia, um sentimento poetico, uma alma não vulgar. Eu era estatico, contemplava-a. Sobre a relva pisavam ligeiros os seus pequenos pés, sem amassal-a. Muitas vezes vi-a chegar-se a uma flor e beijal-a, era o uma saudade roxa. Si a visseis suppol-a-hieis um ente aéreo, tão agil e ligeira se mostrava.

As trevas começavam já a imperar; mas a lua que surgia do horizonte, com os seus prateados raios as adalgaçava bastante. Esse ente da minha adoração, ia fugindo das minhas vistas, porem não antes de lançar-me um olhar que penetrou-me ao âmago um olhar terno, doce, sympatico e significativo. Então tambem d'ahi fugi, com o coração cheio de melancolia, mas uma melancolia que nella encontrava suavidade. Ainda a vi cantando uma aria da solidão, cantando com os olhos fictos n'um ponto ficticio, e tocando com os seus bellos dedos nos vidros da janella: cantava! porem onde voltejava a sua imaginação?

A sua boca cantava com um som mavioso e melancolico; porem as suas idéas vagavam no espaço da abstracção. Depois não mais ouvi a sua voz, emmudecera, e só então vi seus bellos olhos tomarem a direcção do firmamento, onde scintilavam milhões de estrellas.

Naquelle momento, ou ouvi escapar dos seus labios um suspiro mal abafado e rolar

HONORINO (*tira a espada*).

As tuas armas, Raphael...

RAHAEL.

Eil-as. (*Fere Honorino; este combate, mas cahe ferido mortalmente.*)

HONORINO.

Oh! céos!.. Adeos, ó minha Olympia.

GERONYMO (*pondo-lhe uma pistola á boca*).

Se respiras sómente, ou pestanejas... Outro crime não fazes.

CÓRO DO POVO.

Que fazer neste conflicto,
Neste caso todo novo:
Salvaremos Raphael,
O heroe, o heroe do povo? (*fluctua.*)

CÓRO DAS PERSONAGENS.

Raphael é criminoso
Deve a morte merecer:
A' traição fez perocer
Honorino c'um punhal.

(*Olympia, depois de ver Honorino morto, apalpa-lhe o coração, levanta-se, tira o punhal de Jeronymo e crava-o no coração de Raphael, que cahe bradando*)

das suas palpebras duas alfojaradas lagrimas. E depois? a lua lançava um dos seus pallidos raios sobre os vidros da janella; quiz ainda vê-la, mas só vi essa luz mortuaria em seu lugar.

H. Marinho.

Bellezas de Camões.

.....Deve o Rei, que bem governa,
Olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtuda interna,
E de sincero amor sejam dotados;
Porque com este posto na superna
Cadeira, pôde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

Quando um homem em tudo é justo e santo
Em negocios do mundo mal acerta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos prompta.

.....A força da cobiça
Um desejo mortal accende e atiaç.

... Toda a terra é patria para o forte.

Para se sustentar em toda a idade,
Tudo faz a vital accessidade.

.....Os singulares
Feitos dos homens em retrato breve
A muda poesia bem descreve.

.....Nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito.

Alogria não pode haver tamanha
Que achar gente visinha em terra estranha.

.....Ha no mundo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza que lhes fica;

RAPHAEL.

Ai mãos dessa mulher! inferno, inferno!..

(*Olympia olha para elle que expira, dá uma grande gargalhada, e canta como louca.*)

OLYMPIA.

Que lume tão bello! que templo tão vasto,
De flôres ornado! que flôres tão bellas!
Os cyrios são anjos, as luzes estrellas,
Um Deos o ministro, o throno um altar!

O orgão desprende do céu a harmonia!
Oh! como estou bella! sou noiva ditosa,
Rainha de amor, sou bella formosa!..

Oh! como é cheirosa a minha capella!..
Meu lindo vestido tem sangue, tem sangue!..

(*Cahe morta.*)

CÓRO GERAL.

Ave innocente voava
Pelo céu a deslizar,
Veio a morte, eil-a por terra,
Já não pôde mais voar,
Já não pôde mais cantar.

(*Ovoem se tiros nas ruas; tamborres; vivas a El-Rei, ao Governador e retintim de armas.*)

E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta, ao menos, nem a faz escura;
Mas destes acha pouco a pintura!

.....A razão
De algum não ser por versos excellente,
E' não se ver prezado o verso e a rima,
Pois quem não sabe a arte, não a estima.

A muito obriga amor mal empregado.

Nasce da tyrannia inimicicias;
O povo forte tem em si inimigo.

Não queiras os louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

.....Ha grandes e abastados
Sem nenhum sangue illustre d'onde venham;
Culpa é de Reis, que ás vezes a privados
São mais que a mil, que esforço e saber tenham.

Extrahido por—Paula Brito.

Se te ameí!...

Amei-te como á imagem do futuro
Retoucada das flôres da esperança;
Amei-te como á phrase emmudecida
Nos paros labios de gentil criança.

Amei-te, qual se fóras minha irmã,
Qual se fóras meu Deos!.. Oh! muito amei-te!
Dera-te um throno se monarcha fóra,
Como o coração tão pobre dei-te.

Amei-te, ainda te amo
Como á vida, a Deos, a luz;
Como á estrella que reluz
Em noite de tempestade;
Como toda de saudade
Se ama a campá de um pai;
Como á imagem, que se evas
Do um sonho de flicidade.

Amei-te, ainda te amo
Como o cego ao seu bordão,
Como o marujo a canção
Que aprendeu inda menino;

CÓRO.

Reje fóra o vendaval
Da procella tormentosa,
Pende o raio a morte irosa,
O trovão brama fatal
E o seu bramido é mortal.

SCENA ULTIMA.

(*Entra Alvarenga e é logo recebido por Agostinho, que o quer abraçar, porém este o empurra. Entram soldados e apoz elles Salvador Corrêa de Sá. Todos se descobrem. Elle olha para todos com ar ameaçador. Os camaristas vêm a elle e lhe abatem a bandeira; Jeronymo e Agostinho lhe entregam as espadas, elle as não recebe, e ellas cahem no chão. Salvador encara para os tres cadaveres: fica Raphael e ri-se; fica Olympia e faz signal aos soldados para que prendam a todos. O povo se ajellha diante do Governador, e durante isto tudo canta.*)

CÓRO FINAL.

E' elle, o Governador!
E' elle, o homem da lei!
O delegado d'El-Rei,
O valente Salvador.
O valente Salvador,
O delegado d'El-Rei,
E' elle! o homem da lei,
E' elle, o Governador!

Fim.

Como o pobre, já sem timo,
Morto de fome e sensação,
Ama o benevolente braço
Que o sustem no seu destino!

Amei-te, como o guerreiro
Ama a cruz de sua espada;
Como o poeta ama a fada
Que lhe accorda inspiração;
Amei-te com tal paixão,
Que nem mesmo presentia
Que por ti tudo perdia,
Alma, vida e coração!

Se te amei, bem o deves ter sabido
Quando a teus pés te supplicava tremulo
Um só olhar dos teus...
Um olhar que me desse de venturas
Mais do que podem dar o céu e a terra,
O universo e Deus!

Se te amei, os meus lábios te disseram
Nas phrases não mentidas de minh'alma
Quando o peito abrasado,
Uma e mais vezes te pedi, em troca
De todo o meu amor, um teu sorriso,
Doce e apaixonado!

Se te amei, ó mulher!... nem sei dizer-te
Com quanto extremo fui... Se te amo ainda,
E como e quanto te amo,
Julga-o pela dor que me consume,
Por esta angustia que me vai matando
No fogo em que me inflamo!

Se te amei, quanto tenho consumido
Dos mais bellos instantes da existencia
Sómente por te amar,
Diga-te o suspirar da mansa brisa,
Digam-te os echos das longinquas selvas
E a viração do mar!

Amei, amei-te muito!... De minh'alma
Quaes os tormentos já dizer nem sabem
Os muchos lábios meus!...

Amei-te, qual ninguém jamais sonhara,
Qual nem mesmo então eu calculara,
Mais do que a vida e a Deus!...

F. Eleuterio de Sousa.

Ficção.

Em vão hei chamado, triste,
Por outo que não existe,
Porque do mundo sahio,
Por sombra que nebulosa
Passou por mim vaporosa,
Fallou-me, e ao céu subio.

Ao som da voz sua dina
Julguei-a mulher divina
E louco quiz conhecê-la:
Meus olhos volvi ao lado
Do qual me haviam fallado...
Tardo foi, não pude vê-la.

Um manto trevososo, denso,
Sobre mim estava suspenso
E a sombra me occultava;
Era tudo escuro, horror;
Eu jazia em um torpor
Que as idéas me roubava.

A sombra buscava ver,
Não podia um sonho ser,
Porquanto estava acordado;
Eu vi um vulto, sim, vi,
Uma voz também ouvi
Que paria de meu lado.

Ergo os olhos; alto ia
A sombra que com magia
Houvera-me enlouquecido...
Clamo triste! Clamo em vão,
Lhe supplico compaixão,
Meu clamor não foi ouvido.

E mais alta já tocava
Ao throno que occupava
Entre as nuvens collocado,
E eu vi-a já sentada
Em estrella transformada
No seu throno abrilhantado.

E no entanto julguei-a,
Quando louco contemplei-a
No excesso da loucura,
Uma sombra nebulosa,
Ou mulher que, piedosa,
Me vinha ofertar ternura.

Porque uma voz dizia:
« Poeta serás um dia,
« Pois tu sentirás amor.
« Poeta me has de amar,
« Uma lyra has de vibrar,
« Serás então trovador. »

Quanto á voz, não foi mentira,
Porque encontrei a lyra
Que me houvera prometido:
E amei-a, inda sem vê-la,
Sem saber se era estrella,
Pois de amor eu fui ferido.

.....
Era tudo um sonho vago,
E o prazer foi amargo
Porque não durou um dia,
Porque essa voz ouvida,
Essa estrella ora perdida
Foi illusão, phantasia.

Foi um sonho de poeta,
E não a voz de um propheta
Que venturas me augurava;
Foi idéa que assaltou-me
O pensamento, e roubou-me
As ditas que eu esperava.

O sonho que ainda infante
Me embalava a cada instante
De um dia ser trovador,
Desvaneceu-se, fugio-me,
Porque essa voz mentio-me
Ao me prometter amor.

Thomas Cameron.

Anecdotas.

Montesquien assistia a um sermão em uma aldeia, e o Prégador que era um Capuchinho foi longo e tedioso. Perguntando-se-lhe o que julgava do sermão, respondeu: o que lhe faltou em profundidade sobrou em extensão.

Assistio tambem em outra occasião a um sermão prégado por um orador ainda moço, o que passava por ter mais memoria do que genio. Um Frade Agostinho que estava junto de Montesquien disse-lhe: Que bello sermão. Eu teria tido muito prazer em tel-o feito; an que respondeu elle — e o Prégador tambem.

B. de C.

FABULA.

O ANSO E O VEADO.

Um veadinho e um ansó
Quizeram-se doatar;
Feitos lá certos arranjos
Foram ambos estudar,
E quando seus estudos completaram,
Eis como os dois bichinhos se portaram:

O Anso:

Contento sorria
Sempre que podia,
De certo escaninho
Tirando uns papeis,
Mostrar aos feis
Os seus pergaminhos;

O veado, porem, modestamente,
Poucas vezes de si fallar ousava,
E o seu diploma a custo e raramente
A um ou outro amigo elle mostrava.

Qual era o mais sabio
Ninguem saber podia,
Só o tempo devia
Tal cousa esclarecer.

O Tempo:

Esse mostrou que o veado
Sempre dizia verdades,
Interessantes novidades,
E nenhuma asseira dice:
Porém que o tal asnosinho,
Apezar do pergaminho
Dizia muita sandice!

MORALIDADE.

Para muitos,
Pergaminhos talvez sejam
Patentes de illustração;

Para mim
E' fallado, e' escrevendo,
Que se mostra erudição.

Cinasto Lucio.

Charada.

Sou duas vezes primeira.....1
Sirvo para navegar.....2

Entre gente civilisada
Mesmo o pobre jornalista,
Me usa, com mais ou menos
Apparencia do facieiro.

Ha tambem rusticos selvagens,
Que de mim seu uso fazem;
Mas a respeito do fabrico,
Na primitiva inda jazem.

M. J.

AVISO.

Os Srs. assignantes não são obrigados a subscrever as folhas que lhes mandamos com a MARMOTA: é um presente que lhes fazemos até que nos venha suspendel-as, e então as assignarão, se quizerem.

Typographia de Paula Netto

64 — Praça da Constituição — 64